

### **JUROS E INCERTEZA SEGUEM CONTENDO A INDÚSTRIA**

*As projeções revisadas apontam para um desempenho aquém do esperado em 2025 e para a continuidade do cenário restritivo para 2026.*

A indústria brasileira desacelerou drasticamente em 2025. O crescimento de 3,9% obtido em 2024 deu lugar a uma virtual estagnação diante da persistência de fatores macroeconômicos restritivos. Predominantemente domésticos, esses fatores incluíram a política monetária contracionista e a alta incerteza fiscal, somados à fraca contribuição das exportações e a maiores pressões no mercado internacional. A perda de ritmo já era prevista: o Balanço 2024 & Perspectivas 2025 projetava um aumento da produção industrial do país de apenas 1,6% para o ano (menos da metade do ano passado).

Porém, nem essa taxa modesta deve ser atingida. Com uma herança estatística de 2024 para 2025 praticamente nula (+0,2%) e uma evolução marginal próxima à estabilidade, a produção industrial nacional registrou um aumento de apenas 1,0% no acumulado do ano até setembro, em comparação com os primeiros nove meses de 2024. Vale lembrar que, em julho, os EUA impuseram ao Brasil um forte aumento das tarifas de importação, que entraram em vigor no mês seguinte. Os efeitos imediatos mais significativos foram percebidos na confiança empresarial e nas exportações para o mercado americano, enquanto a produção respondeu com um ligeiro declínio. Sem mudanças significativas no cenário no curto prazo, a previsão para o ano é de uma alta de 1,0% para a produção industrial do Brasil, resultado abaixo do previsto no final do ano passado e menos de um terço do observado em 2024.

A análise desagregada da produção brasileira em 2025 evidencia um padrão bastante heterogêneo no acumulado do ano até setembro, coerente com o resultado agregado modesto: resultados positivos em duas (bens intermediários e duráveis) das quatro grandes categorias econômicas e em 13 dos 25 segmentos, onde se destacaram a Indústria Extrativa, Máquinas e equipamentos e Veículos automotores. Os demais indicadores de conjuntura divulgados para o setor corroboraram o fraco desempenho da indústria brasileira em 2025.

No Rio Grande do Sul, a indústria começou 2025 compartilhando o panorama econômico doméstico desfavorável, mas contando com o efeito estatístico positivo da base deprimida pela tragédia climática de maio do ano passado e pela intensa contração de 2023 (-4,8%). Assim, mesmo que a produção industrial ficasse estabilizada na margem durante os doze meses do ano, mostraria um aumento de 1,9% na comparação com 2024 (herança estatística). E de fato, o cenário econômico seguiu pressionando e, até setembro, a produção industrial gaúcha exibiu um avanço modesto de 2,4%, ritmo que deve se manter até o final de 2025. Esse resultado é quase cinco vezes superior ao de 2024 (+0,5%), abaixo do previsto no final do ano passado (+3,2%) e do necessário para recompor (junto com 2024) a perda de 2023. É importante registrar que, inesperadamente, a produção da indústria gaúcha registrou uma forte alta na margem durante os meses de vigência das novas tarifas americanas, impulsionada, segundo o IBGE, pela ocorrência de alguns fatores pontuais e atípicos durante esse período. Tal comportamento, porém, não encontrou correspondência em nenhum outro indicador do setor, seja quantitativo ou qualitativo, no Rio Grande do Sul, ou em qualquer outra unidade da federação e, por essa razão, não é esperado que se sustente nos próximos meses.

O padrão de comportamento setorial da produção industrial gaúcha no acumulado de janeiro a setembro de 2025 ante o mesmo período de 2024 mostrou alguma homogeneidade. A maioria – 10 dos 14 analisados – cresceu, destacando pelo impacto gerado por Alimentos (+5,8%), por Máquinas e equipamentos (+13,1%), por Tabaco (+10,6%) e por Bebidas (+13,0%). As quedas foram minoritárias, mas em segmentos com grandes pesos na estrutura produtiva: Derivados do petróleo e biocombustíveis (-7,6%), Veículos automotores (-9,3%), Couros e calçados (-3,0%) e Móveis (-5,5%).

Nesse cenário pouco favorável à atividade produtiva, a indústria nacional iniciou e deve encerrar o ano sem confiança. Na visão dos empresários, as condições econômicas do Brasil deterioraram-se continuamente ao longo de 2025, elevando o pessimismo a patamares históricos. A baixa demanda interna, a elevada carga tributária, as altas taxas de juros e a falta de trabalhador qualificado foram, também na avaliação dos industriais, os maiores obstáculos enfrentados pelo setor.

Para 2026, o cenário econômico para a atividade da indústria brasileira não deve se alterar significativamente. Os juros em níveis contracionistas e a incerteza econômica elevada devem permanecer, juntamente com o baixo dinamismo da demanda externa, mesmo com a reversão parcial do aumento das tarifas americanas. Da mesma forma, a política fiscal, em ano de eleições, deve se manter expansionista. Assim, sem vetores relevantes para impulsionar uma expansão, espera-se para o setor um novo desempenho medíocre, muito próximo da estagnação, repetindo o comportamento de 2025. A produção industrial brasileira deve voltar a crescer 1,0% e a do Rio Grande Sul, um pouco mais, 1,5%.

### ***Nem mesmo o modesto desempenho esperado se confirmou***

A indústria nacional frustrou em parte as expectativas modestas para 2025. O cenário de juros elevados e incerteza persistente pesou mais que o esperado sobre o desempenho do setor. No Rio Grande do Sul (RS), a projeção mais otimista, ainda que abaixo da esperada na maior parte do ano, deve ser confirmada no final de 2025.

De fato, as projeções do final de 2024 indicavam para 2025 uma expansão da produção industrial: +1,6% para o Brasil e +3,2% para o Rio Grande do Sul. Essa estimativa representava uma inversão na intensidade dos desempenhos – nacional e regional – do ano anterior, quando o país cresceu 3,1% e o Estado, apenas +0,5%. Fica evidente que, dado o cenário econômico adverso, a baixa base de comparação no RS era a principal justificativa para sua projeção mais positiva, tanto em relação ao resultado nacional quanto ao seu próprio desempenho em 2024.

É importante ressaltar que o carregamento estatístico (ou efeito *carry-over*) do final de 2024 para 2025 foi praticamente nulo para o Brasil (+0,2%). Isso indicava que a produção industrial brasileira precisava crescer marginalmente ao longo de 2025 para registrar uma expansão no final do ano. No entanto, conforme os dados do Gráfico 3.1, a produção nacional mostrou uma tendência próxima à estagnação, comportamento que sugere um desempenho anual medíocre, como, de fato, ocorreu: a produção industrial brasileira cresceu somente 1,0% frente aos nove primeiros meses do ano passado.

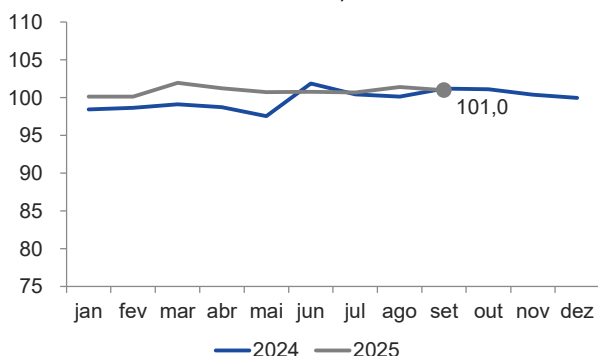
Por sua vez, a produção industrial do Rio Grande do Sul (Gráfico 3.2) já contava para 2025 com um carregamento estatístico de +1,9%, impulsionado pela baixa base de 2024. Porém, revelou uma tendência de queda na margem no início de 2025, com uma forte recuperação a partir de julho, paradoxalmente após o anúncio do aumento das tarifas de importação americanas.

De fato, esse surpreendente comportamento, sem amparo em qualquer outro indicador de conjuntura do setor, não deve se sustentar nos próximos meses, pois é resultado de fatores pontuais, como retomadas de paralisações programadas em algumas plantas industriais importantes e postergação atípica da produção fortemente sazonal de Tabaco.

Nesse sentido, a indústria gaúcha registrou um crescimento de 2,4% até setembro de 2025, quase todo (80,0%) resultado da herança estatística de 2024.

**Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil**

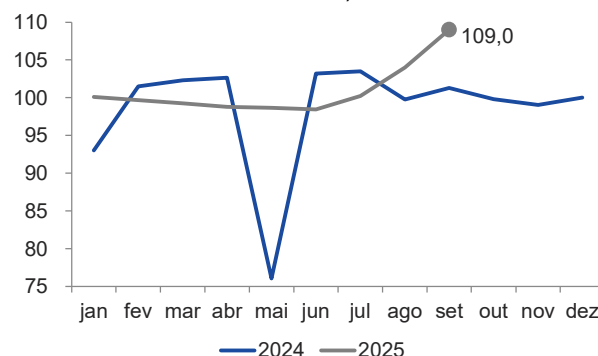
(Índice de base fixa mensal. dez/2024=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS**

(Índice de base fixa mensal. dez. 2024=100 | Com ajuste sazonal)

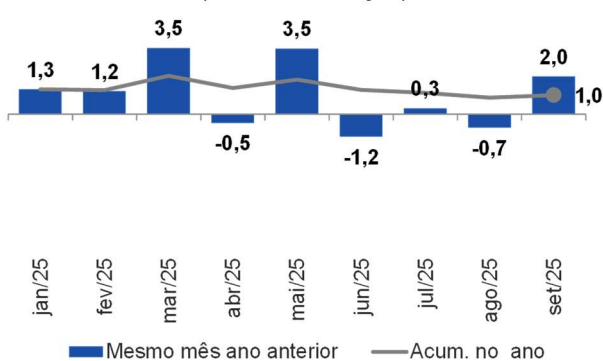


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Com o descrito até aqui, a combinação do carregamento estatístico e da evolução na margem repercutiram diretamente nas comparações interanuais, que demonstraram resultados mistos nos meses de 2025 ante os mesmos meses de 2024 e taxas bastante modestas no acumulado do ano em cada mês. As evoluções da produção industrial do Brasil e do RS até setembro (últimos dados disponíveis) nessas métricas são mostradas nos gráficos a seguir, destacando o grande crescimento da produção gaúcha em maio e setembro de 2025.

**Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil**

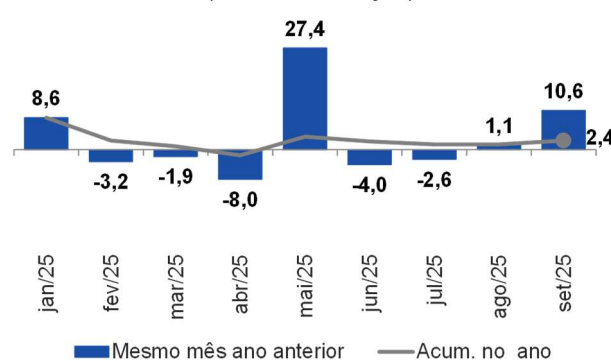
(Var. % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS**

(Var. % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

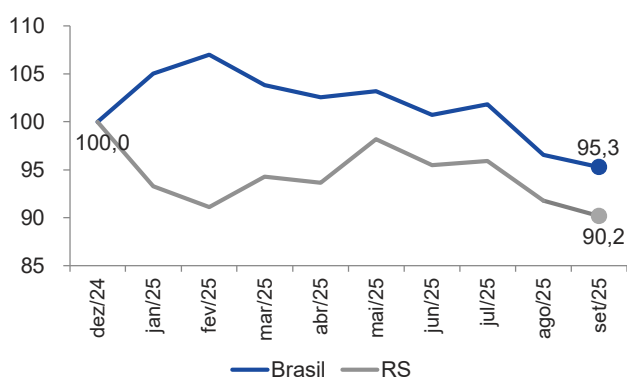
Ainda que modesto, o desempenho da produção industrial gaúcha superou em mais do que o dobro a taxa brasileira até setembro e garantiu, no *ranking* nacional, a sexta melhor posição entre os 17 estados pesquisados, ficando à frente de grandes economias industriais, como São Paulo (-1,8%) e Minas Gerais (+0,7%), mas abaixo do Rio de Janeiro (+4,1%), do Paraná (+3,4%) e de Santa Catarina (+3,1%).

Os demais indicadores conjunturais, que medem o desempenho do setor, pesquisados pela CNI/FIERGS (Gráficos 3.5 e 3.6) mostraram resultados, em linhas gerais, convergentes com o quadro descrito pela produção industrial em 2025 até setembro no país. Contudo, diferentemente da produção, o desempenho da indústria gaúcha é inferior ao da indústria nacional na maioria dos indicadores, sobretudo no faturamento real e nas horas trabalhadas na produção. Além disso, a tendência do faturamento real na margem, tanto do Brasil quanto do RS, é claramente negativa ao longo do ano, diferente da estabilidade registrada pela produção.

Essas pequenas divergências em indicadores de curto prazo são comuns em cenários de baixo dinamismo econômico. Ainda que a tendência geral de médio e longo prazo seja a mesma, no curto prazo os resultados ficam mais erráticos.

**Gráfico 3.5. Faturamento real – BR e RS**

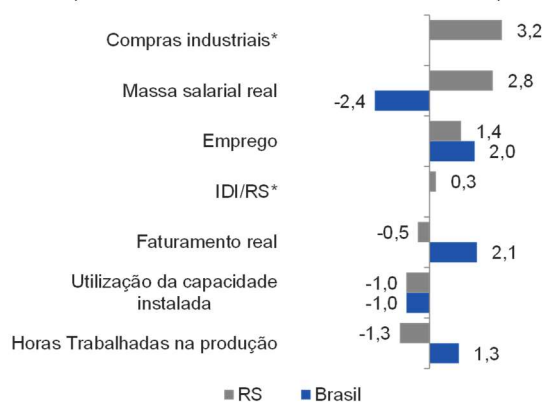
(Índice de base fixa mensal. Dez. 2024=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.6. Indicadores Industriais – Brasil e RS**

(Var. % acumulada no ano até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS. \* O IDI e as Compras Industriais são divulgados somente para o RS.

## Resultados setoriais

O cenário econômico atingiu de forma heterogênea a indústria brasileira no acumulado de janeiro a setembro de 2025, em comparação com o mesmo período do ano anterior: crescimento em duas das quatro grandes categorias econômicas, em 16 das 25 atividades (64,0% do total) e em 51,8% dos 789 produtos pesquisado. Tal comportamento é compatível com a taxa modesta registrada (+1,0%) da produção industrial brasileira no período.

Entre as categorias econômicas, nos nove primeiros meses de 2025, observou-se dinamismo na produção de Bens de consumo duráveis (+4,8%) e de Bens intermediários (+2,3%). Em contrapartida, houve retração na produção de Bens de capital (-0,2%), segmento associado aos investimentos, e de Bens de consumo semi e não duráveis (-2,6%), que apresentou o maior impacto negativo no período.

Entre as atividades, a principal influência positiva veio da Indústria Extrativa (+4,1%), responsável por 62,0% (0,62 p.p.) do resultado total no acumulado de janeiro a setembro ante o mesmo período de 2024, em resposta à maior produção de óleos brutos de petróleo, gás natural e minérios. A produção da Indústria de Transformação, por sua vez, cresceu apenas 0,5% na mesma base, com três segmentos se destacando: 1) Máquinas e equipamentos (+6,4%), impulsionada, principalmente, por aparelhos de ar-condicionado, tratores e máquinas agrícolas e para o setor de construção; 2) Veículos automotores, reboques e carrocerias (+3,0%), sustentada pela produção

de automóveis, autopeças e veículos para transporte de mercadoria e 3) Produtos químicos (+2,4%), reflexo da maior demanda por defensivos agrícolas. Outras altas relevantes ocorreram nas indústrias Têxteis (+10,8%), de Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (+9,3%) e de Metalurgia (+2,7%). Em contraste, a atividade de Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-4,2%) exerceu a maior pressão negativa sobre a média da indústria, resultado da queda na produção de álcool etílico.

A tabela 3.1 a seguir apresenta os resultados setoriais dos principais indicadores de conjuntura do setor industrial brasileiro para o ano de 2025, com destaque para os da CNI.

**Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores**

(Var. % acum. em 2025 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	Utilização da capacidade instalada*	Emprego	Massa salarial real	Produção
<b>Extrativa</b>	-	-	-	-	-	<b>4,1</b>
Alimentos	1,5	3,8	-1,9	1,3	-1,8	0,5
Bebidas	-7,5	3,2	-0,3	-0,7	-6,2	-2,7
Tabaco	-	-	-	-	-	10,0
Têxteis	-2,7	0,8	-32,5	0,8	2,7	10,8
Vestuário e acessórios	2,3	-2,7	-3,1	-2,2	1,8	1,3
Couros e calçados	-8,7	-2,3	-3,5	0,5	2,4	-1,7
Produtos de Madeira	-7,8	1,6	0,2	-0,1	0,1	-4,8
Celulose, papel e produtos de papel	-4,7	-2,5	-8,8	2,8	0,3	0,4
Impressão e Reproduções de gravações	-20,7	-11,1	7,2	0,2	-2,7	-4,9
Derivados de petróleo e biocombustíveis	2,5	-6,4	-4,3	2,2	-3,9	-4,2
Químicos	-7,2	3,1	8,1	2,9	-4,8	2,4
Farmoquímicos e farmacêuticos	7,5	-9,1	-0,6	1,4	-1,9	-0,3
Borracha e de material plástico	-22,0	-0,4	-1,0	2,8	2,0	1,5
Minerais não metálicos	-7,7	-1,8	-3,6	1,8	2,5	0,0
Metalurgia	4,9	-1,1	4,5	-1,5	2,9	2,7
Produtos de metal	-2,6	1,7	-4,5	1,6	-8,3	-1,0
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-2,5
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	5,7	8,2	4,3	8,8	5,5	0,4
Máquinas e equipamentos	17,3	1,1	-33,8	3,2	6,7	6,4
Veículos automotores	15,1	-0,6	-1,6	5,2	-24,1	3,0
Outros equipamentos de transporte	5,2	10,7	-13,4	-7,7	28,9	2,0
Móveis	5,4	8,0	-0,9	5,8	4,4	1,4
Produtos diversos	2,9	0,9	0,8	-0,1	8,1	0,5
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	9,3
<b>Indústria de transformação</b>	<b>2,1</b>	<b>1,3</b>	<b>-1,0</b>	<b>2,0</b>	<b>-2,4</b>	<b>0,5</b>
<b>Indústria geral</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1,0</b>

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: UEE/FIERGS. \* Em pontos percentuais.

No Estado, a produção industrial gaúcha, que registrou um avanço (+2,4%) maior do que a nacional no acumulado do ano, apresentou uma difusão de crescimento mais ampla nos nove meses do ano: dos 14 segmentos pesquisados, 10 registraram aumento (cerca de 71,4% do total) em relação ao mesmo período de 2024.

Foram quatro os grandes destaques pelas influências – duas positivas e duas negativas – no resultado global. No primeiro grupo, estão Alimentos (+7,0% e +1,5 p.p.) e Máquinas e equipamentos (+14,3% e +1,02 p.p.). O setor alimentício voltou a crescer após três anos consecutivos de queda, refletindo a melhoria do mercado de trabalho e o consequente aumento da renda das famílias e a expansão dos benefícios sociais. Já a expansão de dois dígitos no setor de Máquinas e equipamentos em 2025 reflete, em parte, uma base de comparação fraca, sucedendo duas quedas anuais expressivas (-8,8% em 2023 e -19,4% em 2024). Contudo, o resultado também foi sustentado pelo desempenho dos investimentos no país. Inicialmente forte no começo do ano, o investimento perdeu ritmo e moderou-se nos trimestres seguintes devido, sobretudo, à política monetária restritiva e do elevado grau de incerteza. O setor também se

beneficiou do bom desempenho da construção civil e do agronegócio e da necessidade inerente de modernização tecnológica no campo.

Por outro lado, os dois segmentos que mais impactaram negativamente a indústria gaúcha foram Derivados do petróleo e biocombustíveis (-6,3% e -0,99 p.p.) e Veículos automotores (-7,8% e -0,77 p.p.). No primeiro caso, a contração da produção é atribuída a uma parada programada para manutenção, um procedimento comum e rotineiro nesse segmento industrial. Já, no segundo, que engloba bens duráveis (automóveis), intermediários (autopeças) e de capital (carrocerias de ônibus, reboques e semirreboques) reflete a paralisação, relacionada a investimentos em modernização, na produção de automóveis e a sensibilidade do setor ao elevado patamar de juros e à incerteza econômica que dominaram o cenário doméstico ao longo do ano.

Em complemento aos dados de produção, os Indicadores Industriais do RS, apurados pela FIERGS, mostraram um cenário setorial menos favorável no acumulado do ano. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) registrou uma pequena alta, de 0,2%, que denota uma virtual estabilidade, refletindo a grande disparidade de desempenhos: 7 altas, 2 estabilidades e 6 quedas entre os 15 segmentos pesquisados. Os maiores impactos vieram de Máquinas e equipamentos (+13,0%) e Tabaco (+12,4%) pelo lado positivo e Veículos automotores (-8,7%) e Couros e calçados (-6,0%) pelo negativo.

**Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores**

(Var. % acum. em 2025 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDI/RS**	Produção
Alimentos	-2,5	-6,9	0,3	0,6	2,3	1,3	0,7	7,0
Bebidas	0,3	6,4	-5,7	7,0	5,5	11,0	6,7	13,5
Tabaco	0,2	13,4	-	25,6	24,7	-0,2	12,4	14,5
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	3,4
Têxteis	-7,6	2,1	-5,3	7,0	2,2	4,1	-1,9	-
Vestuário e acessórios	-11,3	-18,9	-3,5	9,7	1,3	2,3	-4,2	-
Couros e calçados	-6,0	-8,1	-1,3	-5,3	-6,0	-3,9	-6,0	-2,0
Produtos de Madeira	-1,2	-2,7	3,2	-15,5	0,2	6,0	-3,8	-
Químicos, der. petróleo e biocomb.	3,4	-0,9	2,5	7,0	0,1	-3,9	2,5	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	-6,3
Químicos	-	-	-	-	-	-	-	2,7
Borracha e de material plástico	-2,2	2,7	0,2	0,0	0,2	10,5	0,0	5,2
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	9,5
Metalurgia	-2,9	-10,0	-2,5	13,4	-0,3	8,6	-1,1	0,3
Produtos de metal	-3,4	-0,6	-1,2	2,3	3,0	-0,5	-0,1	3,3
Equip. inform, eletrônicos e óticos	17,5	26,1	-0,2	3,7	3,7	19,8	18,3	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	-2,1	2,3	2,8	-14,0	-4,4	-1,6	-4,6	-
Máquinas e equipamentos	17,0	39,2	2,8	-5,0	6,0	6,5	13,0	14,3
Veículos automotores	-11,0	-16,1	-6,2	-5,2	0,0	0,1	-8,7	-7,8
Móveis	-1,6	-0,6	-4,6	-0,3	5,4	10,5	2,0	-4,4
<b>Indústria total</b>	<b>-0,5</b>	<b>3,2</b>	<b>-1,0</b>	<b>-1,3</b>	<b>1,4</b>	<b>2,8</b>	<b>0,3</b>	<b>2,4</b>

\* Em pontos percentuais, \*\* Índice de Desempenho Industrial

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: UEE/FIERGS. \* Em pontos percentuais. \*\* Índice de Desempenho Industrial.

## **Nove anos após a maior recessão da história: o longo e árduo caminho para a recuperação**

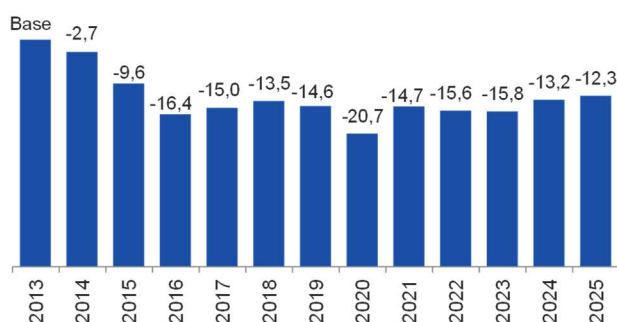
Uma análise comparativa, que se afasta do curto prazo, expõe a profundidade do desafio estrutural enfrentado pela indústria brasileira para retomar um ciclo de crescimento robusto e contínuo.

Tomando-se como referência o patamar médio de produção dos nove primeiros meses de 2013 — ano que antecedeu a mais longa (2014–2016) e intensa recessão da história recente do País —, percebe-se que a indústria opera com um déficit crônico de produção.

De fato, o impacto da crise foi severo: ao final de 2016, a produção brasileira já estava 16,4% abaixo do nível de 2013, enquanto a indústria gaúcha havia recuado 18,7%. Nos nove anos subsequentes (2017-2025), o avanço tem sido anêmico e a produção brasileira segue 12,3% abaixo daquele pico, e a gaúcha, 9,9%.

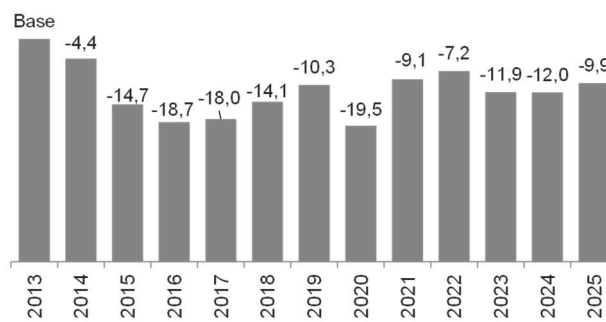
O resultado é um persistente hiato produtivo. No ritmo de crescimento médio anual dos últimos nove anos – 0,5% no País e 1,1% no RS –, a indústria brasileira levaria 25 anos para igualar o patamar de 2013, enquanto a gaúcha necessitaria de 9 anos.

**Gráfico 3.7. Produção Industrial – Brasil**  
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.8. Produção Industrial – RS**  
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

## ***Empresários confirmam o cenário adverso e estão pessimistas com o futuro***

Além dos indicadores quantitativos que medem a atividade industrial, a Sondagem Industrial<sup>6</sup>, pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela CNI/FIERGS, oferece um conjunto adicional de dados de natureza qualitativa que complementa a análise quantitativa e confirma o cenário desafiador enfrentado pelo setor em 2025.

De fato, esse ano se notabilizou como um período de grandes dificuldades para a indústria nacional e os empresários do setor, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, identificaram como as principais a elevada carga tributária, a demanda interna insuficiente, as altas taxas de juros e a escassez de mão de obra qualificada.

A carga tributária, de natureza estrutural e considerada o fator mais importante para a baixa competitividade da indústria brasileira, manteve-se como um obstáculo crônico. Em 2025, foi classificada como o maior obstáculo no Brasil, selecionada por 35,9% dos empresários. No Rio Grande do Sul, a carga tributária, apesar do percentual muito próximo ao nacional (35,3%), atingiu a terceira posição.

No estado, a demanda interna insuficiente assumiu a liderança como principal problema, atingindo 40,4% das respostas na média do ano. Essa proporção é significativamente maior que a média brasileira que registrou 28,1% e foi o segundo maior obstáculo no País.

Diante da política monetária restritiva, o impacto das taxas de juros elevadas também foi um entrave de grande importância em 2025. No Brasil, os juros representaram o terceiro maior (28,0% das menções), mas a preocupação foi mais acentuada no RS onde alcançou o posto de

<sup>6</sup> A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião realizada mensalmente pela CNI/FIERGS com empresários do setor.

segundo maior problema, com 36,2% das respostas. Essa diferença de 8,2 p.p. sublinha a maior exposição da indústria gaúcha ao custo do crédito e do capital. Tal sensibilidade é explicada pela característica de seu parque industrial, relativamente mais direcionado à produção de bens de capital do que de consumo, o que, por sua vez, também explica o diferencial na percepção da demanda interna insuficiente mais negativa. Vale destacar que as taxas de juros foram o item que mais cresceu em menções de 2024 para 2025, com aumentos de 8,0 p.p. no Brasil e impressionantes 16,2 p.p. no RS.

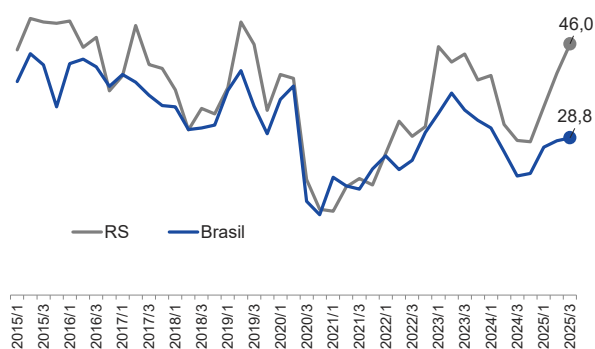
Na sequência, a falta ou o alto custo do trabalhador qualificado foi o quarto maior problema para a indústria em 2025. Este entrave se mostrou mais intenso na indústria gaúcha, escolhido por 29,3% (+ 6,9 p.p. em relação a 2024), do que para a indústria brasileira, assinalada por 22,9% (+2,6 p.p.).

**Tabela 3.3. Principais problemas – Brasil e Rio Grande do Sul**  
(% médio de respostas em 2025)

	Média 2025			
	Brasil	Ranking	RS	Ranking
Demanda interna insuficiente	28,1	2	40,4	1
Taxas de juros elevadas	28,0	3	36,2	2
Elevada carga tributária	35,9	1	35,3	3
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	22,9	4	29,3	4
Falta de capital de giro	11,6	8	14,5	5
Burocracia excessiva	12,7	7	14,1	6
Taxa de câmbio	11,2	10	13,6	7
Competição desleal	17,4	6	13,3	8
Insegurança jurídica	11,5	9	13,3	9
Falta ou alto custo da matéria-prima	19,0	5	12,4	10
Demanda externa insuficiente	9,3	13	12,4	11
Competição com importados	10,9	12	9,0	12
Inadimplência dos clientes	11,0	11	8,2	13
Dificuldades na logística de transporte	7,7	15	6,6	14
Falta de financiamento de longo prazo	5,8	17	5,9	15
Nenhum	6,4	16	3,0	16
Falta ou alto custo de energia	7,7	14	1,5	17
Outros	2,8	18	0,9	18

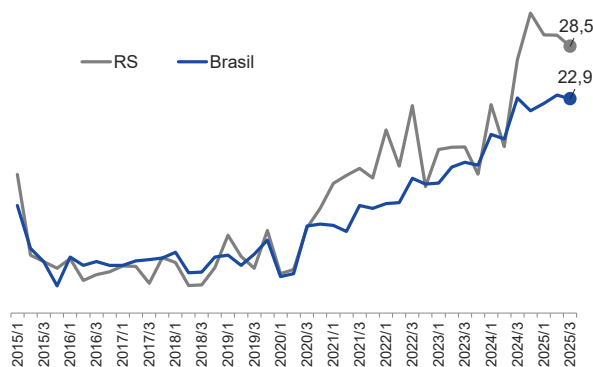
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.9. Principais problemas – Demanda interna insuficiente**  
(% de respondentes)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

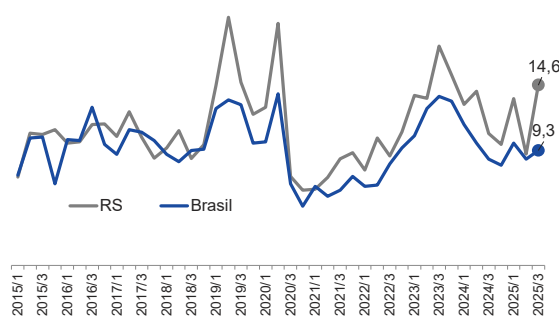
**Gráfico 3.10. Principais problemas – Falta ou alto custo do trabalhador qualificado**  
(% de respondentes)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Vale destacar, diante do choque provocado pela escalada das tarifas americanas, a maior importância relativa da demanda externa insuficiente entre os principais problemas enfrentados pela indústria gaúcha em 2025: de 9,0% para 14,6% das menções das empresas entre o segundo e o terceiro trimestre. No Brasil, o impacto, até o momento, foi bem menor, sendo considerado um entrave por 9,3% dos empresários no terceiro trimestre, pouco acima dos 8,6% observados no trimestre anterior.

**Gráfico 3.11. Principais problemas – Demanda externa insuficiente**  
(% de respondentes)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

Outro dado crucial fornecido pela Sondagem Industrial é a confiança empresarial, cuja importância reside no seu papel como indicador antecedente da atividade do setor, devido ao seu impacto nas decisões das empresas de investir, contratar e produzir.

Nesse sentido, os resultados mostram que a indústria iniciou e deve terminar o ano de 2025 sob um clima de profunda falta de confiança, que atingiu patamares similares aos observados durante a maior crise já registrada pelo setor, no triênio 2014-2016.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) não ultrapassou os 50 pontos – marca divisória entre a presença e a ausência de confiança – em nenhum momento do ano (com o último dado disponível referente a novembro). A falta de confiança em 2025 foi mais intensa e disseminada na indústria do Rio Grande do Sul do que na nacional. De janeiro a novembro de 2025, a média mensal do ICEI no Brasil foi de 47,9 pontos e no RS de 46,1. Esses valores, respectivamente, representam quedas de 4,3 e 3,6 pontos em relação ao mesmo período de 2024 e são os mais baixos para o mesmo período desde 2016 (44,8) e 2015 (37,9).

Os componentes do ICEI revelaram que houve uma deterioração sistemática da situação econômica doméstica ao longo de todo ano, gerando um grande pessimismo com o futuro. De fato, os Índices de Condições Atuais e de Expectativas permaneceram o ano todo abaixo dos 50,0 pontos, indicando, respectivamente, avaliações negativas tanto para o momento presente quanto para o futuro próximo, em especial, para o panorama econômico doméstico.

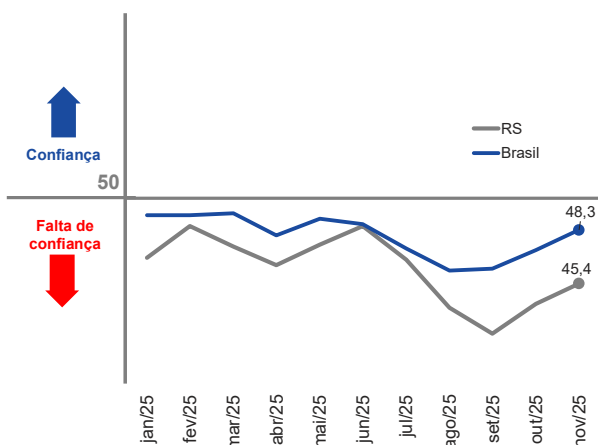
O Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira teve uma média de 36,2 pontos no Brasil e 34,6 no Rio Grande do Sul em 2025. Valores abaixo de 50,0 indicam piora das condições. Os industriais, em nível nacional e regional, não percebem melhora da economia brasileira desde novembro de 2022 e a avaliação de 2025 foi a mais negativa desde 2016, ano em que o setor enfrentava aquela recessão histórica.

O cenário para o futuro economia brasileira, descrito pelos empresários, não é mais animador. As expectativas para os próximos seis meses também permaneceram o ano todo no

campo pessimista. O pessimismo também foi mais acentuado entre os gaúchos, com a média do Índice de Expectativas atingindo 39,1 no RS e 41,3 no País. O setor não demonstra tamanho pessimismo desde 2015.

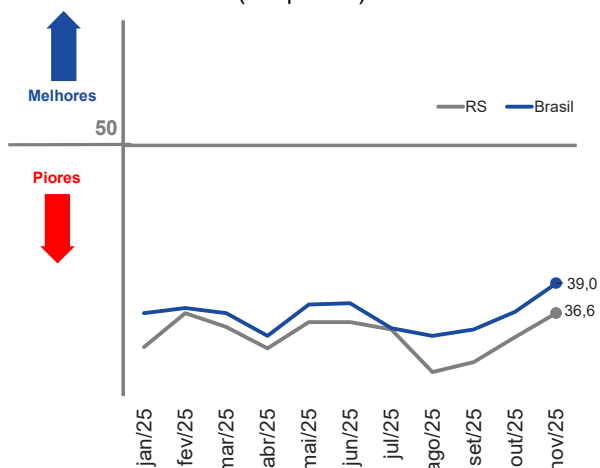
Por fim, os resultados do ICEI especificamente para o mês de novembro (última percepção dos empresários conhecida) reforçam a manutenção da tendência desfavorável: a) ICEI no Brasil foi de 47,2 pontos e de 45,4 no RS, Condições Atuais, de 36,6 e de 39,0 e Expectativas de 43,3 e de 39,0. Esses valores indicam que, pelo menos, o primeiro semestre de 2026, tende a ser bastante desafiador para a produção, os investimentos e o nível de emprego do setor industrial.

**Gráfico 3.12. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS**  
(Em pontos)



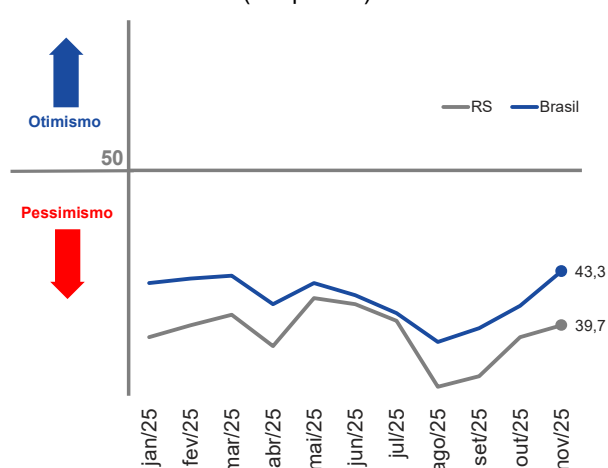
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.13. Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira – Brasil e RS**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.14. Índice de Expectativas para a Economia Brasileira – Brasil e RS**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

## Perspectivas para 2026 – Mais um ano muito difícil pela frente

O desempenho da produção industrial brasileira em 2025 ficou ligeiramente aquém do esperado no final de 2024, em função do contexto econômico doméstico de juros elevados e incerteza fiscal. De fato, esse comportamento foi evidenciado por todos os indicadores de conjuntura do setor. Para a produção industrial brasileira, a expansão, que era estimada em 1,6% no final do ano passado, deverá atingir 1,0% ao encerrar 2025.

Para a produção industrial gaúcha, a expectativa de desempenho em 2025 era mais positiva que a nacional e significativamente superior ao ano anterior (+0,5%). Essa melhor projeção se devia à base de comparação extremamente baixa de 2024, reflexo da calamidade climática de maio de 2024 e da forte queda registrada em 2023 (-4,8%). A previsão do final de 2024 era de uma expansão de 3,2% e o ano deve encerrar abaixo desse resultado: +2,2%.

Vale lembrar que, em julho, os EUA impuseram ao Brasil um forte aumento das tarifas de importação, que entraram em vigor no mês seguinte. A produção industrial brasileira respondeu com um ligeiro declínio na margem durante os meses de vigência, enquanto a gaúcha, registrou um forte e inesperado avanço, impulsionada pela ocorrência de alguns fatores pontuais e atípicos durante esse período.

Para 2026, o cenário econômico deve permanecer desafiador. A política monetária restritiva e as incertezas nos âmbitos doméstico e global tendem a manter os níveis de atividade do setor em patamares baixos e estagnados na margem. Com um carregamento estatístico nulo de 2025, o crescimento projetado para a produção industrial brasileira é de 1,0%. No caso do RS, a produção industrial deve manter a trajetória de estagnação e fechar o ano com um ligeiro avanço de 0,7%. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), o indicador de atividade divulgado pela FIERGS deve registrar um aumento de 0,2%.

**Tabela 3.4. Perspectivas para a produção industrial do Brasil**

(Var. % acum. no ano)

	2024	2025*	2026*
Indústria extrativa	0,0	4,9	2,2
Indústria de transformação	3,7	0,2	0,5
<b>Indústria Total</b>	<b>3,1</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>

Fonte: IBGE/PIM-PF. \* Previsão UEE/FIERGS.

**Tabela 3.5. Perspectivas para a indústria do RS**

(Var. % acum. no ano)

	2024	2025*	2026*
Índice de Desempenho Industrial	0,5	-0,2	0,2
Produção Industrial	0,5	2,2	0,7

Fonte: IBGE/PIM- PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. \* Previsão UEE/FIERGS